

ROGER CASEMENT E O CONGO BELGA: O TRAUMA DO IMPERIALISMO NA FICÇÃO

ROGER CASEMENT AND THE BELGIAN CONGO: THE TRAUMA OF IMPERIALISM IN FICTION

Mariana Bolfarine¹

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: A vida extraordinária e controversa do revolucionário irlandês Roger David Casement (1864-1916) foi e continua sendo fonte de inspiração para a escrita de prosa, poesia, drama e ensaios críticos. O objetivo deste artigo é explorar a maneira pela qual Roger Casement revela os traumas causados pelo imperialismo por meio da escrita de viagens nas seguintes obras de ficção que giram em torno do boom da borracha no Congo Belga: *Coração das Trevas* (1902) de Joseph Conrad, *King Leopold's Soliloquy/Solilóquio do Rei Leopoldo* (1905) de Mark Twain e *Os Anéis de Saturno* de WG Sebald (1999). A hipótese deste estudo é que essas obras revelam as conexões entre a Grã-Bretanha e o Congo Belga, e o papel desempenhado pelo Relatório Congo de Roger Casement para derrubar o regime do terror do rei Leopoldo II no Estado Livre do Congo. O arcabouço teórico consiste em biografias sobre Roger Casement, especialmente *The Eyes of Another Race* (2004), do antropólogo irlandês Seámas Ó Síocháin, e teorias sobre trauma e literatura de viagem.

Palavras-chave: Roger Casement; narrativa de viagem; trauma; imperialismo.

Abstract: The extraordinary and controversial life of the Irish revolutionary Roger David Casement (1864-1916), remains a source of inspiration for academic research as well as for the creation of prose, poetry, drama and critical essays. The aim of this paper is to explore the way in which, via travel writing, Roger Casement unveils the traumas of imperialism in the following works of fiction that revolve around the rubber boom in the Belgian Congo: *Heart of Darkness* (1902) by Joseph Conrad, *King Leopold's Soliloquy* (1905) by Mark Twain, and *The Rings of Saturn*, by W.G. Sebald (1999). The hypothesis of this study is that these works bring to light the connections between Britain and the Belgian Congo, and the role played by Casement's Congo report in bringing down King Leopold II's regime of terror in the Congo Free State. The theoretical framework that consists of biographies about Roger Casement, especially *The Eyes of Another Race* (2004) by Irish anthropologist Seámas Ó Síocháin, and theories about travel literature and trauma.

Key Words: Roger Casement; travel literature; trauma; imperialism.

Submetido em 24 de julho de 2020.

Aprovado em 14 de agosto de 2020.

¹ Pesquisadora da Cátedra de Estudos Irlandeses WB Yeats - FFLCH/USP e presidente da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI). Desde 2017 é professora adjunta do Curso de Letras-Língua e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Rondonópolis. E-mail: marianabolfarine@gmail.com.

This work of ‘civilization’ is an enormous and continental butchery.
(Mark Twain, 2012, p. 43)

Falar sobre Roger Casement é falar sobre literatura de viagem. Isso se dá porque o acesso mais direto que temos a esse polêmico nacionalista irlandês é por meio de sua escrita. Roger Casement nasceu em Dublin, em 1 de setembro de 1864. No início da adolescência ficou órfão e foi morar com tios paternos no condado de Antrim, na Irlanda do Norte. Aos dezessete anos, mudou-se para Liverpool, quando seu tio materno lhe posicionou na Companhia Mercante Elder Dempster, que foi seu “passaporte” para África. Casement iniciou sua jornada como comissário de embarcação, mas logo se tornou funcionário do Estado Livre do Congo, território pertencente ao monarca absolutista Belga, Leopoldo II. Logo foi notado pela Coroa e se tornou cônsul britânico na África portuguesa (1895-1898) e, alguns anos depois, no Brasil, em Santos (1906-1908) e Belém do Pará (1808-1909), e cônsul-geral no Rio de Janeiro (1909-1913).

Enquanto ocupava a posição de cônsul, Casement participou de dois inquéritos parlamentares envolvendo a exploração de seres humanos durante o auge do ciclo da borracha no Congo Belga e no Putumayo, região amazônica disputada entre Brasil, Colômbia e Peru. Como resultado dessas investigações, Casement foi aclamado pela autoria de dois relatórios publicados como “Blue Books”, livros oficiais britânicos – o Relatório do Congo² (1904) e o Relatório da Amazônia³ (1912). Ambos os documentos são registros de atrocidades cometidas contra homens, mulheres e crianças que, por não alcançarem as quotas de borracha que lhes eram impostas, eram flagelados, tinham membros amputados e sofriam de inanição.

Após testemunhar tais atrocidades, instauradas por uma política de terror, Casement voltou-se contra o império britânico e aderiu à causa da independência da Irlanda. Com apoio dos Estados Unidos, buscou apoio alemão contra os ingleses no início da Primeira Guerra Mundial, mas aos 21 de abril de 1916 foi preso ao retornar à

² *Report from His Majesty’s Consul at Boma* (Relatório do Cônsul de Sua Majestade em Boma. Trad. Livre).

³ *Treatment of British Colonial Subjects and Native Indians Employed in the Collection of Rubber in the Putumayo District* (Correspondência sobre o Tratamento de Súditos Coloniais Britânicos e Indígenas Nativos Empregados na Coleta da Borracha no Distrito do Putumayo. Trad. Livre).

Irlanda em um submarino para participar do Levante da Páscoa que buscava a independência da Irlanda o Reino Unido.

Durante seu julgamento por alta traição à Coroa, diários de conteúdo homossexual, os *Black Diaries*, foram encontrados pelo Ministério do Interior em seus aposentos londrinos, minando um pedido de clemência por intelectuais da época, como Arthur Conan Doyle, George Bernard Shaw e Mark Twain. Seus apoiadores acreditavam que, em virtude dos seus feitos pelos Congolezes, pelos indígenas do Putumayo e pelos próprios irlandeses, Casement merecia um indulto. Contudo, tanto em virtude da sua suposta traição, quanto pela divulgação de páginas dos *Black Diaries* entre membros da sua defesa e perseguição, Casement foi ao enforcamento aos 3 de agosto de 1916.

Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão acerca do período de atuação de Roger Casement como cônsul britânico no Congo. Para tal, analiso a importância de sua escrita de viagem, fundamental para acessar a sua experiência no Congo Belga, em conjunto com sua representação como personagem em obras de célebres autores de ficção, como Joseph Conrad, Mark Twain e James Joyce. O arcabouço teórico que utilizo é constituído por biografias de Roger Casement, em especial *The Eyes of Another Race* (2004), do antropólogo irlandês Seámas Ó Síocháin, e teorias sobre a literatura de viagem.

O Congo Belga

No ano de 1867, a região que hoje é conhecida como República Democrática do Congo começou a ser explorada pelos europeus, que chegaram não pelo mar, mas pela costa leste do continente africano. Partindo de Zanzibar, o jornalista e explorador inglês Henry Morton Stanley encarregou-se de encontrar o famoso Dr. David Livingstone, missionário escocês que virou lenda após ter ficado desaparecido no coração da África por quase sete anos, deixando para trás um vasto legado em termos de geografia, antropologia e taxonomia. Segundo Ó Síocháin (2004), Stanley acabou encontrando Livingstone, que estava explorando a parte superior de um grande rio navegável chamado Lualaba, que ele pensava estar conectado ao Nilo, mas que era, na verdade o Alto Congo.

Quando Stanley retornou à Europa em 1878, ele não apenas encontrou o Dr. Livingstone, mas também abriu o coração da África para a Europa, seu legado mais duradouro. Stanley passou a escrever artigos sobre a região e a aparecer em conferências internacionais a fim de expor para a Inglaterra as oportunidades ilimitadas de exploração das terras que ele tinha descoberto. Em suas próprias palavras:

Existem 40.000.000 de pessoas nuas e os fiadores de algodão de Manchester estão esperando para vesti-las ... as fábricas de algodão de Birmingham estão brilhando com o metal vermelho que será transformado em ferro de todos os modelos e formas para eles ... e os zelosos ministros de Cristo querem que esses pobres e ignorantes pagãos se tornem parte do rebanho de Cristo”. Chamber of Commerce, Address of Mr. H. Stanley. Manchester. (*apud* GONDOLA, 2002, p. 49. Trad. Livre).⁴

Além de colônias no Cabo da Boa Esperança e na costa mediterrânea, a Europa não possuía outros territórios africanos de destaque, e o retorno financeiro das Américas, no Caribe, da Índia e da China, que fizeram a fortuna da Europa, era mais imediato. Ainda que no auge de sua revolução industrial, e em busca de matéria-prima e mercado consumidor, a Inglaterra não se mostrou inicialmente entusiasmada para investir no continente africano. Ademais, não havia mais um interesse de teor humanitário pelos nativos, visto que a escravidão na maior parte da América havia sido abolida. Consequentemente, Stanley foi aplaudido, admirado, mas também ignorado.

Rei Leopoldo II da Bélgica

Houve, entretanto, um homem que se interessou pela empreitada de Stanley. Era o rei Leopoldo II da Bélgica, um monarca constitucional, mas com grande ambição. Nas palavras de Peter Forbath, Leopoldo era:

Um homem alto e imponente ... que desfrutava de uma reputação hedonista; era inteligente (astuto como uma raposa, segundo o pai), ambicioso, arrogante e detentor de uma personalidade impiedosa. Ele era, no entanto, um monarca insignificante na política da época, governando uma nação quase imperceptível, que havia nascido há apenas quatro décadas e vivia sob a constante ameaça de perder sua precária independência para as grandes potências de seu entorno. Era uma figura que, como se podia esperar, se dedicaria a manter a neutralidade de seu país, evitando ofender qualquer um de seus poderosos vizinhos, dedicando-se aos prazeres da carne. Não parecia alguém que causaria um profundo impacto na história. No entanto, de

⁴ *There are 40,000,000 nude people and the cotton-spinners of Manchester are waiting to clothe them... Birmingham's factories are glowing with the red metal that shall presently be made into ironwork in every fashion and shape for them... and the ministers of Christ are zealous to bring them, the poor benighted heathen, into the Christian fold.*

maneira surpreendente e improvável, foi capaz de perturbar o equilíbrio de poder na África e inaugurar a terrível idade do colonialismo europeu no continente negro. (FORBATH, 1977, n.p. Trad. Livre).⁵

Como monarca constitucional, Leopoldo II era encarregado de deveres comuns, como abrir sessões parlamentares, receber diplomatas e participar de funerais do estado. Ele não detinha poderes políticos. Contudo, segundo Ó Síocháin, já fazia 20 anos que Leopoldo almejava um lugar para a Bélgica, uma jovem nação de pouco mais de 40 anos, entre as grandes potências da Europa. Como as fronteiras geográficas da Bélgica não podiam ser expandidas, Leopoldo acreditava que as colônias poderiam desempenhar um papel importante para a sua prosperidade. Em algumas ocasiões, Leopoldo tentara conquistar regiões de outros continentes, mas sem sucesso. O governo belga era contra aquisição de colônias, que implicavam um grande investimento financeiro com retorno a longo prazo.

De acordo com Ó Síocháin (2004), Leopoldo II estava determinado a conquistar uma colônia a qualquer custo, e começou agindo em segredo. Em 1876, o rei patrocinou uma conferência internacional em Bruxelas, convidando países de diferentes partes da Europa para discutir assuntos científicos e filantrópicos, como formas de enviar ajuda médica e de prevenir o ressurgimento do tráfico de escravos na costa oeste da África. O encontro foi, na verdade, uma manobra por parte de Leopoldo para que os participantes criassem um comitê internacional de filantropia que deu origem à Associação Internacional Africana, que tinha um só acionista: Leopoldo (Ó Síocháin, 2004).

As aventuras de Stanley no Congo eventualmente chegaram aos ouvidos de Leopoldo II que tentou recrutá-lo. Stanley ainda estava esperançoso pelo envolvimento da Inglaterra e o afastou, mas diante da insistência do monarca, acabou cedendo. De acordo com Ó Síocháin (2004), Leopoldo foi o único líder europeu que se mostrou disposto a financiar o sonho de Stanley: a construção de uma ferrovia de 1.600 km sobre as Montanhas de Cristal, de Matadi até Stanley Pool, um lago descoberto por

⁵*A tall, imposing man ... enjoying a reputation for hedonistic sensuality, cunning intelligence ... overweening ambition, and personal ruthlessness. He was, nevertheless, an extremely minor monarch in the realpolitik of the times, ruling a totally insignificant nation, a nation in fact that had come into existence barely four decades before and lived under the constant threat of losing its precarious independence to the great European powers around it. He was a figure who, one might have had every reason to expect, would devote himself to maintaining his country's strict neutrality ... Yet, in the most astonishing and improbable way imaginable, he managed virtually single-handedly to upset the balance of power in Africa and usher in the terrible age of European colonialism on the black continent.*

Stanley que atualmente é conhecido por Malebo. Leopoldo concordou em colocar em prática os planos de Stanley que, em sigilo, assinou um contrato de cinco anos e partiu para Zanzibar com um nome falso. Stanley executou sua tarefa com devoção e, no período de três anos, fundou diversas estações coloniais, sendo que uma delas foi batizada de Leopoldville, em homenagem ao rei.

Como um dos principais objetivos da política imperial era levar a civilização para as regiões colonizadas, Ó Síocháin (2004) explica que Leopoldo se utilizava de instituições de fachada, criadas para fomentar ações culturais e humanitárias. A Associação Internacional Africana, criada em 1876, foi rebatizada Comitê de Estudos do Alto Congo e, em seguida, Associação Internacional do Congo em 1879. Disputas entre potências europeias por colônias africanas estavam se acirrando, inclusive no Congo, principalmente entre a Bélgica, França e Portugal. Para resolver esse conflito, a Conferência de Berlim de 1885 legitimou a partilha da África entre as principais potências e reconheceu a Associação de Leopoldo II, que passou a ser chamada de Estado Livre do Congo.

Inicialmente, a Europa acreditava que Leopoldo agia de acordo com os atos de Berlim, que estipulavam o livre comércio e o tratamento humanizado dos nativos. No entanto, a administração do rei buscava rápido retorno financeiro, e a borracha, depois do marfim, foi a matéria-prima escolhida para ser cultivada na colônia. O que se seguiu foi a instauração de uma política do terror calcada na exploração da população local que trabalhava em turnos de até 18 horas e que tinham as mãos cortadas se não atingissem a cota estabelecida. Suas colheitas foram abandonadas, resultando em fome entre os coletores de borracha.

Denúncia de abusos cometidos por Leopoldo II

Não tardou para que denúncias de atrocidades cometidas contra os nativos no Congo Belga começassem a se espalhar pela Europa. Os primeiros porta-vozes foram, segundo Ó Síocháin, o tio de Casement, Edward Bannister, missionários cristãos, como Henry Grattan Guinness e, principalmente, o jornalista Edmund Dene Morel, que publicou artigos no periódico *West African Mail*. Diante desse cenário, de fome e mutilações, o Lorde Lansdowne, do Ministério das relações exteriores, convocou uma comissão britânica de investigação e foi atribuída a Roger Casement (1864-1916),

então cônsul britânico em Boma, a responsabilidade de redigir um relatório que atestasse a veracidade das acusações feitas contra o Estado Livre do Congo.

É neste momento que Roger Casement entra em cena; em 1884, um ano antes da partilha da África, ele havia sido contratado como funcionário da Associação Internacional do Congo, na qual atuou até 1886, quando renunciou e assumiu outras funções antes de ser designado cônsul britânico em 1895. O resultado de sua investigação no Congo foi um dossiê de fotografias e declarações de missionários e vítimas do regime. Ao retornar à Inglaterra, Casement apresentou o relatório condenando a conduta de Leopoldo II ao Ministério das Relações Exteriores. Um ano depois, em 1904, o relatório que estimou a morte de três milhões de congoleses foi publicado com a omissão de nomes e referências diretas a oficiais coloniais, contrariando suas intenções (GOODMAN, 2010). No mesmo ano, Casement juntou-se a E.D. Morel para fundar a Associação de Reforma do Congo, que buscava reformas administrativas.

Após a publicação do relatório, a Bélgica tentou se redimir enviando uma comissão própria de investigação ao Congo, que confirmou irregularidades administrativas. Conseqüentemente, Leopoldo II ordenou a circulação de panfletos, dirigidos principalmente à Inglaterra, a fim de desfazer a imagem negativa revelada pelo então cônsul irlandês. O caso do Estado Livre do Congo é significativo, porque é um dos primeiros em que a violação de direitos humanos foi confirmada e adequadamente relatada.

A Literatura de Viagem como Testemunho

A literatura de viagem foi um gênero de grande importância entre os séculos XVII e XIX, à medida que era um dos principais meios de divulgação de descobertas feitas por exploradores em terras distantes e inaccessíveis para a grande maioria. De acordo com Sherman:

A literatura de viagem surgiu como um dos gêneros mais populares e flexíveis do período pré-moderno e, em uma ampla variedade de formas; serviu para educar e entreter leitores, bem como para exaltar a nação e promover investimento comercial.

Além disso, contribuiu para um registro dos mercados, rotas comerciais, personalidades e culturas mundiais (SHERMAN, 2002, p. 20. Trad. Livre)⁶.

Para atender às necessidades de um público que ansiava por notícias de locais além das ilhas britânicas, os relatos de viagem passaram a ocupar um lugar central nas estantes no final do século XIX e começo do XX. Contudo, os tipos de viagens, bem como suas motivações e objetivos foram se transformando ao longo dos séculos. Algumas viagens eram de cunho científico, já outras tinham razões pessoais em que os viajantes buscavam o desenvolvimento de capacidades individuais. Havia, também, as viagens oficiais, que promoviam investigações, como é o caso de Casement no Congo.

De acordo com Séamas O'Síocháin, os anos que Casement passou na África fizeram com que ele desenvolvesse duas habilidades que iriam contribuir para sua capacidade de observação durante a investigação no Alto Congo: sua experiência acerca de questões legais envolvendo súditos britânicos e o conhecimento adquirido sobre o funcionamento do próprio Estado Livre do Congo. O relatório de Roger Casement é um testemunho desse incidente traumático que tem como causa a política do terror empregada no Congo belga que Casement transforma em palavras. Isso se confirma por meio das declarações de sobrevivente e testemunhas incluídas no relatório, como os casos de Epondo e Mola que tiveram membros decepados e que, por medo de retaliação, permaneceram em silêncio até a chegada de Casement.

Na teoria psicanalítica, trauma refere-se à sobrevivência de um indivíduo ou um de um grupo a um evento em que a vida está posta em risco; cria-se uma sensação de lapso temporal pelo fato de as vítimas não terem uma compreensão plena desse evento (CARUTH, 1996). No caso de Roger Casement, sua atuação como articulador da história do Congo foi se apagando da memória coletiva, de maneira similar a um evento traumático que, em um primeiro momento, é silenciado. De acordo com a pesquisadora Michelle Brown (2008), um evento traumático é como um lapso na memória que a vítima procura retificar por meio da linguagem de testemunho. Nesse tipo de narrativa, segundo Brown (2008), há uma tensão entre o desejo sentido pela vítima de narrar (testemunho) *versus* ocultar (silêncio) a experiência traumática.

⁶ *Travel writing emerged as one of the early modern period's most popular and flexible genres, and in a wide range of forms it educated and entertained readers, inspired national pride and commercial investment, and contributed to a public record of the world's 'markets, trade routes, personalities, and cultures.*

No relatório do Congo, Casement é ao mesmo tempo um observador (aquele que vê o que acontece) e uma testemunha (aquele que escreve sobre o que acontece). De acordo com Robert Burroughs, ao registrar um evento traumático, a testemunha ocular, “*eye-witness*”, torna-se uma “*I-witness*”, “Eu-testemunha”. Por conseguinte, esse tipo de narrativa colocará o leitor no papel de “*testimonial witness*”, ou a “testemunha de um testemunho”. Burroughs explica que é somente quando visto através dos olhos de testemunha do viajante e da perspectiva externa do leitor, que um evento traumático se torna evidente. Por conseguinte, quando a perspectiva do leitor de uma narrativa de testemunha em busca de justiça une-se à do narrador existe a possibilidade de superação e transformação.

Outro aspecto relevante da narrativa de viagem é, de acordo com Burroughs, a intertextualidade, pois é um meio pelo qual a estrutura e o conteúdo da narrativa registrada por viajantes anteriores servem para ilustrar as ideias e os modos de representação empregados por escritores posteriores.

O Congo Belga na Ficção

Devido ao enorme sucesso das narrativas de viagem nos séculos XIX e início do XX, esse gênero também inspirou a escrita de ficção, tanto em termos de conteúdo quanto de forma. Segundo Hulmes e Youngs, “A narrativa de viagem e o romance, especialmente quando escritos em primeira pessoa, tentem a compartilhar um foco na centralidade do eu, uma preocupação com detalhes empíricos e um movimento no tempo e no espaço que é simplesmente sequencial”.⁷ (HULMES e YOUNGS, 2002, p. 6) Escritores de ficção de renome, como os que serão mencionados neste estudo⁸, fazem uso do poder de descrição e de sequencialidade da literatura de viagem, atribuindo aos relatos, mais especificamente de Roger Casement, um status de autoridade.

A vida de polêmica de Roger Casement foi, e continua sendo, terreno fértil para a criação de obras dos mais variados gêneros: romances, poemas, peças de teatro e radiofônicas e ensaios críticos. Essas obras retratam Casement em diferentes etapas de sua vida na Irlanda, na África e na América do Sul, bem como após a sua morte. As

⁷ *Travel writing and the novel, especially in its first-person form, have often shared a focus on the centrality of the self, a concern with empirical detail, and a movement through time and place which is simply sequential.*

⁸ Esta pesquisa foi realizada de forma breve durante o meu doutorado, e continua de forma aprofundada como parte do projeto de pesquisa registrado na Propeq UFMT.

mais conhecidas, entretanto, são as que se referem aos anos em que Casement passou no continente africano⁹.

A obra de ficção mais conhecida que trata deste capítulo da história do ciclo da borracha no Congo é *Coração das Trevas* (1902), do célebre escritor britânico Joséf Teodor Konrad, mais conhecido como Joseph Conrad, nascido na Polônia, em 1857. Seu pai, que era escritor e defensor da independência polonesa, foi exilado por se envolver em movimentos revolucionários. De acordo com John G. Peters (2006), em 1869 Conrad tornou-se órfão e ficou aos cuidados de um tio que o encorajou a seguir a carreira de capitão de embarcação até que, em 1880, integrou a marinha inglesa. Em 1889, uma grande mudança ocorreu em sua vida após ele começar a escrever seu primeiro romance, *Almeyer's Folly, A loucura de Almeyer*, em inglês (PETERS, 2006).

Nesse meio tempo, Conrad buscava a oportunidade de atuar como capitão no continente africano, até que, durante uma estada em Bruxelas, consultou Albert Thys, diretor da *Société Belge pour le Commerce du Haut Congo* sobre a possibilidade de comandar um vapor. Foi assim que, ao aceitar o posto de capitão em 1890, embarcou em uma das mais importantes viagens de sua vida a no vapor *Roi des Belges*. Foi nesse mesmo ano de 1890, que Conrad conheceu Roger Casement:

Casement pela primeira vez no Congo em 1890. Por cerca de três semanas, ficamos no mesmo quarto na estação de Matadi da Sociedade Belga do Alto Congo. Ele era bastante reticente quanto ao caráter exato de sua conexão com a Sociedade, mas seu trabalho, naquele momento, era recrutamento de mão-de-obra. Ele conhecia bem as línguas da costa. Fui com ele várias vezes em expedições curtas para manter “palavers” [conversas] com os chefes das aldeias vizinhas. (Letter to John Quinn, 24 May 1916 – *The collected letters of Joseph Conrad*, Vol. 5, Cambridge UP, p 596-597. Trad. Livre).¹⁰

Conrad ficou muito impactado com Casement ao escrever mais tarde¹¹:
“Conheci o Sr. Roger Casement, o que eu consideraria um grande prazer em qualquer

⁹ Essa discussão está presente de forma mais elaborada na obra *Between “Angels and Demons”: Trauma in Fictions Representations of Roger Casement* (2018).

¹⁰ “I met Casement for the first time in the Congo in 1890. For some three weeks he lived in the same room in the Matadi Station of the Belgian Societé du Haut Congo. He was rather reticent as to the exact character of his connection with it, but the work he was busy about then was recruiting labour. He knew the coast languages well”. I went with him several times on short expeditions to hold ‘palavers’ with the neighbouring village chiefs.” (Letter to John Quinn, 24 May 1916 – *The collected letters of Joseph Conrad*, Vol. 5, Cambridge UP, p 596-597)

¹¹ “Made the acquaintance of Mr. Roger Casement, which I should consider a great pleasure under any circumstances and now it becomes a positive piece of luck. Thinks, speaks well, most intelligent and very sympathetic” Conrad, Joseph. *Last Essays*. New York: Doubleday & Company, 1926, p. 161, qtd. in Hawkins, 1881-82, p. 67.

circunstância, mas que agora se tornou uma verdadeira sorte. Ele é articulado, inteligente e muito simpático” (p. 67). As cartas que continuaram sendo trocadas entre eles revelam o quanto Casement influenciou a visão de Conrad a respeito do impacto negativo do regime imposto por Leopoldo II.

A mudança de perspectiva de Conrad em relação ao imperialismo está clara em *Coração das Trevas*, uma novela sombria cujo protagonista Charles Marlow empreende uma jornada Rio Congo acima em busca de Kurtz, chefe de uma estação de extração de marfim. Quando a expedição finalmente o encontrou, ele ocupava uma posição de líder junto a uma tribo, havia enlouquecido e estava muito doente. No trajeto de volta, Kurtz enuncia suas últimas palavras: “O horror, O horror!”

Nessa obra, Conrad desvela a verdade nua e crua por trás do colonialismo e das bases da civilização ocidental. Embora seja arriscado identificar Casement como um personagem, os biógrafos argumentam que ele desempenhou um papel importante para a experiência africana de Conrad. Segundo B. L. Reid (1976), essa ideia está refletida nas palavras do próprio Conrad ao admitir que “Ele [Casement] podia te dizer coisas! Coisas que eu tentei esquecer, coisas das quais não sabia. Ele viveu a mesma quantidade de anos na África quanto eu vivi meses – ou quase”¹² (Letter to Robert Cunningham Graham, 26 December 1903 – *The collected letters of Joseph Conrad*, Vol. 3, Cambridge UP, p.101. Trad. Livre). Reid afirma que apesar de Casement não figurar em *Coração das Trevas*, ele sustenta que Conrad conheceu a África através dos olhos de Casement e, portanto, enxerga-o como uma espécie de amálgama, sugerindo que “Casement estava na mente de Conrad enquanto ele pensava tanto em Marlow quanto em Kurtz” (Reid 14).

Como resultado desse encontro fortuito, Casement e Edmund Dene Morel buscaram o apoio de Conrad à Associação de Reformas do Congo, que eles haviam fundado recentemente. Conrad inicialmente contribuiu com algumas cartas, mas logo cessou seu apoio, pois estava concentrado em sua carreira como escritor buscando independência financeira. Por fim, sobrevive o relato sobre a viagem ao “coração das trevas” feito por Marlow ao retornar para a Inglaterra, que é uma forma de eternizar “o horror” que decorre das relações imperiais.

¹² He [Casement] could tell you things! Things I have tried to forget, things I never did know. He has had many years of Africa as I had months – almost.

As atrocidades cometidas no Congo também já serviram de matéria para o escritor norte-Americano Mark Twain. Segundo o biógrafo Brian Inglis (1973), a Associação de Reforma do Congo, criada por Roger Casement e E.D Morel, se expandiu e, eventualmente, a Associação Americana de Reforma do Congo foi criada nos Estados Unidos, contando com o apoio de intelectuais influentes como Mark Twain (apud BOLFARINE, 2010).

De acordo com o crítico Stephen Railton, após o início da Guerra Hispano-Americana em 1900, Twain decidiu agir usando “seu status de celebridade como púlpito para denunciar as brutalidades europeias e americanas na China, Filipinas e Estado Livre do Congo”¹³ (RAILTON, 1996, p. 51. Trad. Livre). Depois de tomar conhecimento acerca da violência praticada contra os nativos do Estado Livre do Congo, Twain afirmou no *Boston Globe* (1905) que era avesso à tentativa do rei Leopoldo de se defender das acusações reveladas no relatório de Casement de 1903:

Deve-se acreditar nos missionários. Eu vi fotografias de nativos com as mãos cortadas porque não trouxeram a quantidade de borracha exigida. Se Leopoldo tivesse simplesmente os matado, não seria tão mal; mas cortar suas mãos e deixá-los desamparados para morrer na miséria – isso é imperdoável. (“In Genial”, p. 9. Trad. Livre)¹⁴.

A indignação de Twain é expressa em *King Leopold's Soliloquy/ Solilóquio do Rei Leopoldo* (1905), publicado um ano após o relatório de Casement. Segundo Inglis (1973), Mark Twain deixou claro, desde o princípio que, as informações foram extraídas, em grande parte, do relatório de Casement. No *Solilóquio*, Twain utiliza um tom propagandista contra a barbárie que ocorreu no Congo, de modo que Leopoldo II confessa sua culpa ao tentar se defender. Leopoldo acusa Casement de traidor por ter lido e copiado uma página do diário de um de seus funcionários sobre a amputação de membros de congoleses acusados de usar a munição que lhes foi dada para caçar em vez de para matar “funcionários” em fuga:

[...] E o cônsul britânico, Sr. Casement, é como eles. Pegou um diário pertencente a um dos meus funcionários e, embora fosse um diário íntimo e destinado ao seu

¹³ [...] *his celebrity status as a pulpit from which to denounce European and American brutalities in China, the Philippines, and the Congo Free State.*

¹⁴ *The missionaries are to be believed. I have seen photographs of the natives with their hands cut off because they did not bring in the requited amount of rubber. If Leopold had only killed them outright it would not be so bad; but to cut off their hands and leave them helpless to die in misery-that is not forgivable.*

do, e não a terceiros”, Sr. Casement agiu de com tanta falta de delicadeza e refinamento ao imprimir passagens dele. [Lê uma passagem do diário] “Toda vez que o cabo sai para buscar borracha, cartuchos lhe são dados. Ele deve trazer de volta tudo que não é usado, e para cada um que é usado ele deve trazer de volta uma mão direita. M. P. me disse que às vezes eles atiravam em um animal enquanto caçavam; depois cortavam a mão de um homem vivo¹⁵ (*Solilóquio*, 44-45).

Bolfarine e Mitchell (2012) analisam a maneira como Twain aponta para incoerências no discurso de Leopoldo II e questiona até que ponto o monólogo pode ser considerado um exemplo da literatura panfletária utilizada como arma de denúncia contra a administração do Estado Livre do Congo. Para se ter uma ideia do impacto causado pela publicação do *Solilóquio*, Twain incluiu na segunda edição uma sessão denominada “*Supplement/Suplemento*”. O escritor explica que desde a primeira edição, o reinado de Leopoldo II passou a ser visto de forma crítica até que o Estado Livre do Congo foi finalmente abolido em 1908 e anexado ao governo belga. Entretanto, nesse mesmo Suplemento, Twain critica o fato de que nada foi falado sobre a punição dos culpados (BOLFARINE e MITCHELL, 2012).

O escritor alemão W.G. Sebald também explorou o tempo que Roger Casement passou no Congo em *Rings of Saturn/Anéis de Saturno* (1995), uma obra de não ficção que combina autobiografia, romance e narrativa de viagens, em que não há um único enredo, nem o desenvolvimento de um aspecto específico da sua jornada. O livro se inicia com um narrador em um hospital. De uma janela, o único elo com o mundo exterior, o narrador é capaz de enxergar uma versão encolhida do céu que vira em uma excursão que havia feito a pé na costa da Inglaterra no dia anterior. Enquanto convalesce, ele reflete sobre questões relacionadas à vida, à arte e à história mundial. Dessa maneira, o narrador começa a compreender a maneira pela qual a violência decorre do fato de nós enxergarmos o “outro” como menos humano do que nós mesmos.

Uma das ocorrências históricas abordadas por Sebald em *Anéis de Saturno* é revelada quando o narrador adormece diante da televisão que mostra um documentário

¹⁵ *And the British consul, Mr. Casement, is just like them. He gets hold of a diary which had been kept by one of my government officers, and, although it is a private diary and intended for no eye but its owner', Mr. Casement is so lacking in delicacy and refinement as to print passages from it. [Reads a passage from the diary] "Each time the corporal goes out to get rubber, cartridges are given him. He must bring back all not used, and for every one used he must bring back a right hand. M. P. told me that sometimes they shot a cartridge at an animal in hunting; they then cut off a hand from a living man.*

da BBC sobre o momento em que o escritor Joseph Conrad conhece Roger Casement em Matadi:

[...] tudo o que me lembro foi que o programa havia começado com um relato da reunião de Casement com o escritor Joseph Conrad no Congo. [...] Desde que perdi a continuação do relato do narrador sobre a vida de Casement e Conrad, exceto pelas imagens indistintas dos dois homens, tentei reconstruir a partir de fontes, tanto quanto pude, a história diante da qual adormeci noite em Southwold (SEBALD, 1995, p. 104, Trad. Livre).

Aqui, a televisão também funciona como uma janela, através da qual o narrador, quando acorda, é motivado a pesquisar a respeito do encontro entre Casement e Conrad no Congo e juntar os fragmentos dessa história. Essa reconstrução desencadeia uma reflexão mais aprofundada sobre os traumas relacionados ao imperialismo, principalmente sobre a farsa que estava por detrás das motivações de Lopoldo II: “[...] romper a escuridão na qual povos inteiros ainda viviam, e organizar uma cruzada para levar esse glorioso século de progresso ao ponto da perfeição” (SEBALD, 1995, p. 118. Trad. Livre)¹⁶.

Após descrever com detalhes a vida de Jósef Teodor Konrad, escritor de *Coração das Trevas*, o narrador de *Anéis de Saturno* se debruça sobre a trajetória de Roger Casement, começando pelo Congo, e sua denúncia da escravidão e dos corpos mutilados pela *Force Publique* exército Belga. Sebald mostra que, mesmo antes de seu envolvimento com a independência irlandesa, que o levaria ao julgamento por alta traição, as ações de Casement já eram consideradas polêmicas:

O relatório de Casement e seu partidarismo incondicional pelas vítimas que destituídas de direitos, sem dúvida lhe renderam um certo respeito junto ao Ministério das Relações Exteriores, mas, ao mesmo tempo, muitos oficiais de alto escalão balançaram a cabeça diante do que lhes parecia um zelo quixotesco, incompatível com avanço profissional de um enviado tão promissor (SEBALD, 1995, p. 128. Trad. Livre).

Após o Congo, o narrador também menciona a investigação de atrocidades cometidas aos indígenas também coletores de borracha no Putumayo pela Peruvian Amazon Company, registrada em Londres. Após testemunhar tais atrocidades, Casement finalmente percebe que seus conterrâneos eram tão oprimidos quando os congolezes e os indígenas amazônicos quando os chamou de “the White Indians of Ireland”, ou seja, “os indígenas brancos da Irlanda” (SEBALD, 1998, p. 129). O

¹⁶ [...] romper a escuridão em que pessoas inteiras ainda moravam e montar uma cruzada para levar esse glorioso século ao ponto da perfeição.

capítulo finaliza com a chegada de Casement na Irlanda para atuar no movimento pela independência que estava sendo organizado em 1916, que levou aos seu julgamento por alta traição e ao seu enforcamento.

Percebendo que essas grandes tragédias estão conectadas, o narrador de *Anéis de Saturno* continua se movendo para trás e para frente no tempo e no espaço, da China Imperial, para a violência da Primeira Guerra Mundial e o conflito nos Bálcãs. O resultado é uma colcha de retalhos, e o fio que une cada peça é a violência e a destruição perpetradas de homem para homem.

Para finalizar, trago uma referência a Roger Casement e a seu relatório do Congo no seguinte excerto no romance *Ulysses* (1922), do célebre escritor irlandês James Joyce. O romance se passa em 16 de junho de 1904, dia em que o protagonista, Leopold Bloom, vive sua própria odisseia, caminhando pelas ruas de Dublin. Neste excerto do episódio Ciclope, Bloom para no Kiernan's pub, onde encontra conhecidos que conversam temas cotidianos:

Aí o cidadão pega um papel da montoeira que está com ele e começa a ler em voz alta:

— Uma delegação dos principais magnatas do algodão de Manchester foi ontem apresentada pelo Capitão do Bastão Dourado, lorde Piza de Pizenhovos que manifestaria a sua Majestade a sincera gratidão dos comerciantes britânicos pelas facilidades que lhes foram propiciadas em seus domínios. A delegação provou da ceia em cuja conclusão o mauro potentado, no decorrer de feliz pronunciamento, livremente traduzido pelo capelão britânico, o reverendo Ananias Lovadeus Ossecarne, manifestou seus maiores agradecimentos ao senhô Piza e enfatizou as cordiais relações que reinam entre Abeakuta e o Império Britânico (JOYCE, 1922 [2012], n.p.).

O cidadão, que seria a representação do irlandês comum, lê em voz alta uma reportagem de jornal que traz notícias contemporâneas ao ano de 1904, em que o romance se passa. A reportagem descreve a visita do soberano nigeriano Alaki de Abeakuta à Inglaterra e a uma fábrica de tecelagem de algodão em Manchester. Trata-se de uma sátira ao imperialismo, aos moldes do também escritor de *Gulliver's Travels*, o também irlandês Jonathan Swift, em que os nomes dos dirigentes são parodiados, como o “Capitão do bastão Dourado”, ou Lorde Piza Pizenhovos. A leitura dessa notícia faz com que o personagem J.J. Molloy traga Roger Casement para o centro da discussão:

— Bom, o J.J. falou, se eles forem um tiquinho piores que aqueles belgas do Estado Livre do Congo eles não devem prestar. Vocês leram aquela reportagem de um sujeito como é que era mesmo o nome dele?

- Casement, o cidadão falou. Ele é irlandês.
- Isso mesmo, o J.J. falou. Estuprando as mulheres e as meninas e açoitando os nativos na barriga pra arrancar deles toda a **borracha vermelha** que eles conseguirem (JOYCE, 1922 [2012], n.p.).

Neste diálogo, os personagens J.J. Molloy e o cidadão traçam um paralelo entre as ações dos magnatas de Manchester às de Leopold II, e faz referência à exploração dos nativos do Estado Livre do Congo para obter cada vez mais *red rubber*, borracha vermelha, um lembrete do sangue dos nativos que foi derramado se não atendessem à cota de borracha que cada vez mais lhes era imposta. O Molloy também faz alusão à investigação de Roger Casement em 1903, ano em que a saga de *Ulisses* ocorre e que levou à publicação de seu relatório como um Livro Azul oficial em 1904.

Por fim, vale destacar o entrelaçamento de diferentes narrativas, visto que essa passagem de *Ulisses* traz à tona a principal razão pela qual o imperialismo ocorreu. As fábricas de tecelagem de algodão de Manchester representam a motivação pela corrida colonial. O explorador Henry Morton Stanley foi o primeiro inglês a enxergar nos corpos nus dos africanos uma oportunidade de mercado, à medida que essas mesmas fábricas poderiam vesti-los. No entanto, quem se interessou pela empreitada de Stanley foi Leopoldo II que transformou o coração da África em seu quintal. Por sua vez, as atrocidades reveladas por E.D. Morel e reportadas por Casement apenas confirmam que a história é conectada e circular, como os “anéis de saturno”, e que a responsabilidade para manter a justiça é de todos nós.

Considerações finais

Para concluir, os relatos de viagem eram meios de comunicação indispensáveis no início do século XIX e final do século XX, no sentido de serem a única fonte de transmissão das informações obtidas pelos exploradores não só da África central e ocidental, mas também de outros locais remotos na perspectiva do público leitor europeu e norte-americano. Portanto, a investigação do Congo, que partiu de uma campanha promovida pela Grã-Bretanha, por jornalistas, missionários e líderes humanitários, em conjunto com líderes e funcionários do governo, só foi possível mediante a descrição desse evento traumático na forma de um depoimento em que a “testemunha ocular” se torna uma “Eu-testemunha”, que revelará ao leitor tanto de literatura de viagem, quanto de ficção, crimes em massa contra a humanidade.

Referências

- BOLFARINE, M., MITCHELL, A. Um Rei Belga Contra um Cônsul Britânico em *King Leopold's Soliloquy: A Defense Of His Congo Rule*, de Mark Twain/ A Belgian King Against a British Consul in King Leopold's Soliloquy: a Defense of his Congo Rule. In: *Polifonia*, Cuiabá: UFMT, 19. 26, 2012, p. 206-17.
- BROWN, M. L. *Screams Somehow Echoing: Trauma and Testimony in Anglophone African Literature*. PhD thesis. U of Maryland, 2008.
Disponível em: drum.lib.umd.edu/bitstream/handle/1903/8539/umi-umd-5619.pdf/sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 24 jul. 2020.
- BURROUGHS, R. *Travel Writing and Atrocities: Eyewitness Accounts of Slavery in the Congo, Angola and the Putumayo*. London: Routledge, 2010. Print.
- CARUTH, C. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative and History*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1996.
- CONRAD, J. 1902. *Heart of Darkness*. New York: Dover Thrift Editions, 1990.
- FORBATH, P. *The River Congo: The Discovery, Exploration, and Exploitation of the World's Most Dramatic River*. New York: Harper and Row, 1977.
- GONDOLA, Ch D. *The History of the Congo*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 2002.
- GOODMAN, J. *The Devil and Mr. Casement: One Man's Struggle for Human Rights in South America's Heart of Darkness*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2010.
- HULMES and YOUNGS. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- INGLIS, B. *The Biography of a Patriot who Lived for England, died for Ireland*. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1973. Print.
- JOYCE, J. 1922. *Ulysses*. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 1922 [2012]. Livro digital.
- Ó SÍOCHAÍN, S. *The Eyes of Another Race: Roger Casement's Congo Report and 1903 Diary*. Dublin: UCD Press, 2004.
- PETERS, John G. *The Cambridge Introduction to Joseph Conrad*. Cambridge: Cambridge UP, 2006.
- RAILTON, S. "Mark Twain in his Times". In: *Critical Insights*. 1996, p. 49-65. Disponível em: http://salempress.com/Store/pdfs/twain_critical_insights.pdf
- REID, B. L. *The Lives of Roger Casement*. London: Yale University Press, 1976. Print.

SEBALD, Winifried Georg. 1995. *The Rings of Saturn*. Trans. Michael Hulse. New York: The Harvill Press, 1998.

SHERMAN, W. H. Stirrings and Searchings (1500–1720). In: *The Cambridge Companion to Travel Writing*, HULME, Peter e YOUNGS, Tim (Orgs.), 2002, p. 17-27.

TWAIN, M. *King Leopold's Soliloquy*. Boston, Mass: The P. R. Warren Co., 1905, second edition. Print.

TWAIN, M. "In Genial Mood: Mark Twain Talks to Newspaper Men. Has Much of Interest to Say on Various Topics. Humorist Reads Some of His Latest Aphorisms". Boston Daily Globe, November 6, 1905, 9. Web. 23 July 2011.